

ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES BÁSICAS NO CONTEXTO ESCOLAR PARA ESTUDANTES COM AUTISMO

JULIANA DOS SANTOS MARTINS¹; SÍGLIA PIMENTEL HÖHER CAMARGO²

¹Universidade Federal de Pelotas – julianaa.smartins@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sigliahoher@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, percebe-se um movimento político e social para garantir o direito de todos à educação, já previsto na Constituição Federal de 1988 e impulsionado, principalmente, pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008. Este movimento, busca pela garantia de condições de acesso e permanência na escola, daqueles estudantes que historicamente eram excluídos dos sistemas regulares de ensino, recebendo atendimentos em instituições especiais ou em salas separadas dos demais estudantes (BRASIL, 2010). A perspectiva inclusiva prevê que os estudantes público da educação especial tenham direito de matrícula em escolas regulares e a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE). O AEE é visto como aquele serviço que buscará por estratégias e recursos para qualificar e potencializar a aprendizagem destes estudantes no contexto escolar. O público a ser apoiado pelo AEE envolve os alunos com deficiências (intelectual, auditiva, visual, física, múltipla), com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e com altas habilidades. (BRASIL, 2008).

Segundo a última versão do Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais – DSM em 2013, o TEA é caracterizado pelos comprometimentos em duas grandes áreas do desenvolvimento: na comunicação/interação social e no comportamento (APA, 2013). Na parte da comunicação e interação social as dificuldades se manifestam na linguagem expressiva e receptiva (verbal e não verbal), assim como no estabelecimento de relações sociais (iniciativas/respostas). As questões comportamentais envolvem a presença de movimentos motores estereotipados do corpo, presença de ecolalia, forte tendência em insistir no seguimento de rotinas e regras de uma forma muito rígida, com interesses altamente intensos por determinados objetos e/ou atividades (APA, 2013).

Estas características, muitas vezes, ocasionam e/ou estão relacionadas com a ausência de habilidades que são consideradas básicas para a aprendizagem, que podem envolver contato visual, sentar, esperar, seguir instruções, etc. Estas habilidades podem ser encontradas nas categorias de atenção, imitação, linguagem receptiva e expressiva e pré-acadêmicas. Considera-se que são essenciais para o aprendizado de comportamentos mais complexos e até mesmo para o engajamento nas atividades escolares (GUERRA *et al.*, 2018). Por isso, torna-se necessário verificar a produção científica sobre intervenções para a aquisição de habilidades básicas para crianças com TEA em contextos escolares, visto que estas aprendizagens podem não ocorrer de forma natural e espontânea, como em crianças com desenvolvimento típico, por exemplo.

2. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto realizou-se uma revisão de literatura, na qual foram consultadas as bases de dados dos periódicos Capes, do Scielo e Google Acadêmico, utilizando como palavras-chave os seguintes termos: habilidades básicas, habilidades pré requisitos, habilidades de aprendiz, habilidades de atenção, sentar, esperar, contato visual, imitação, linguagem receptiva, seguir instruções, linguagem expressiva, comunicação, habilidades pré-acadêmicas. Estas palavras foram combinadas com autismo ou TEA e intervenção, e foram descritas tanto em português como em inglês, de modo que o tipo e o ano de publicação não foram delimitados. Foram incluídos na revisão aqueles que envolveram intervenções para aquisição de habilidades básicas em crianças com TEA no contexto escolar. Desta forma, foram excluídos os estudos de revisão de literatura e/ou bibliográficos sobre as habilidades básicas e aqueles que tratavam de intervenções realizadas em ambientes terapêuticos e residenciais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta busca, foram encontrados sete trabalhos que variaram do ano de 2015 a 2020. Os estudos empregaram como metodologia, pesquisas de caso único, com diferentes delineamentos: delineamento de retirada de múltiplos tratamentos (SADR et al., 2015; 2017); delineamento quase experimental entre participantes (BENSON et al., 2020); delineamento de sondagem múltipla entre os participantes (LANE; SHEPLEY; BETZ, 2016); delineamento de linha de base múltipla entre participantes e comportamentos (FALLIGANT; PENCE, 2017); delineamento de linha de base múltipla entre participantes (DIORIO et al., 2018; FONGER; MALOTT, 2018). As intervenções utilizadas pelos estudos envolveram estratégias sensoriais (SADR et al., 2015; 2017; BENSON et al., 2020) e estratégias baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA – do inglês Applied Behavior Analysis) (LANE; SHEPLEY; BETZ, 2016; FALLIGANT; PENCE, 2017; DIORIO et al., 2018; FONGER; MALOTT, 2018).

Os estudos de Sadr et al. (2015; 2017) examinaram os impactos de sentar em uma bola terapêutica, almofada e/ou cadeira comum no comportamento em sala de aula de crianças com TEA. O estudo de 2015 encontrou resultados positivos acerca do tempo de permanência no assento e na participação das atividades da sala, quando foi oportunizado o uso da bola e almofada, sendo que dois participantes responderam melhor com a bola terapêutica e dois no assento com almofada de ar. Já no estudo de 2017, que envolveu a participação de 15 crianças com TEA, sinalizou melhores resultados com o uso da bola terapêutica.

A habilidade de sentar também foi investigada por Benson et al., (2020) através de atividades sensório-motoras inseridas na atividade em sala de aula afetam a atenção e os comportamentos na cadeira de três pré-escolares com TEA. Os dados mostraram-se variados, sendo que dois alunos obtiveram melhora no tempo sentado e atento às atividades, mas para o terceiro participante, a contribuição da intervenção ocorreu somente para a habilidade de atenção nas atividades.

A habilidade de linguagem expressiva foi evidenciada no estudo de Lane, Shepley, Betz (2016) de modo que através de uma intervenção baseada em princípios da ABA avaliaram os pedidos verbais de três crianças com TEA. De acordo com os dados apresentados, a fase de intervenção contribuiu para o

aumento dos pedidos verbais, com um nível maior de complexidade das frases e também para a emissão de comentários.

Em 2017, Falligant e Pence avaliaram a partir do nível de assistência as habilidades de responder ao seu nome, solicitar ajuda ou a atenção de um adulto, esperar e aceitar o “não” de oito crianças com TEA e deficiências de desenvolvimento. Vale ressaltar que assistência se refere ao nível de ajuda oferecido ao aluno para execução de determinado comportamento e também é baseada na ABA. A variação dos dados entre os participantes e das diferentes habilidades consistiram nos resultados do estudo, de modo que os estudantes com repertório verbal e linguagem compreensiva mais avançada adquiriram as habilidades com o menor nível de assistência da intervenção (FALLIGANT; PENCE, 2017).

A automodelagem de vídeo vem sendo indicada na literatura como promissora para o desenvolvimento de crianças com autismo, por possibilitar a aprendizagem através da visualização de vídeos, uma vez que o uso da tecnologia motiva e desperta a atenção das crianças. Por isso, Diorio *et al.*, (2018) utilizaram esta ferramenta para melhorar a linguagem receptiva de três crianças com TEA. Neste estudo, os dados também se mostraram variados e inconsistentes, embora tenha ocorrido um aumento na média de seguimento de solicitações em sala de aula. Uma das hipóteses apontadas pelos autores é de que os participantes 2 e 3 não tiveram atenção para visualização dos vídeos e que os vídeos só traziam a filmagem de comportamentos que não são do repertório de interesses dos alunos (seguir instruções/ realizar tarefas).

O contato visual foi alvo do estudo de Fonger e Malott (2018), em que eles ensinaram três crianças com autismo, a fazer contato visual. A intervenção adotou a estratégia de moldagem (*shaping* - do inglês), que consiste em ensinar novos comportamentos reforçando as aproximações dos mesmos, sucessivamente. Os resultados demonstraram que este tipo de procedimento foi eficaz para ensinar os participantes a fazer contato visual, considerando que as crianças participantes tinham índices muito baixos desta habilidade.

4. CONCLUSÕES

Através desta revisão de literatura, é possível afirmar que os artigos encontrados reconhecem a importância das habilidades básicas para o sucesso acadêmico das crianças com TEA e do quanto é necessário que estas habilidades sejam ensinadas através de intervenções pontuais. Estes artigos envolveram estratégias que possuem evidências científicas sobre sua eficácia para indivíduos dentro do espectro autista, utilizadas em contextos escolares. Além disso, observa-se que todos os estudos encontrados utilizaram pesquisas de caso único, que é tipo de metodologia amplamente utilizada em pesquisas na área da educação especial (AGUIAR, *et al.*, 2011).

Constata-se que a busca resultou em número reduzido de estudos (N=7) e de participantes (N=39), concentrados na última década, de origem internacional e com uma variabilidade de dados entre os próprios participantes e as habilidades estudadas. As habilidades de imitação e pré-acadêmicas não foram contempladas nos estudos encontrados. Desta forma, indica-se a necessidade da realização de estudos que envolvam as habilidades básicas de estudantes com TEA no cenário educacional nacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Cecília *et al.* Desenhos de investigação de sujeito único em educação especial. **Análise Psicológica**, 2011.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BENSON, Jeryl D.; BROWN, Elena V.; BLOUGH, Ashley; SMITSKY, Deborah. The Effect of Sensorimotor Strategies on Attention and In-Seat Behavior in Preschoolers with Autism Spectrum Disorder: A Pilot Study. **Journal of Occupational Therapy, Schools, & Early Intervention**, 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação Especial; MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos políticos-legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: SEESP, 2010.

DIORIO, Rachel; BRAY, Melisa; SANETTI, Lisa; KEHLE, Thomas Kehle. Using video self-modeling to increase compliance to classroom requests in students with autism spectrum disorder. **International Journal of School & Educational Psychology**, 2018.

FALLIGANT, John Michael; PENCE, Sacha T. Preschool Life Skills Using the Response to Intervention Model With Preschoolers With Developmental Disabilities. **Behavior Analysis: Research and Practice**, v. 17, n. 3, p. 217–236, 2017.

FONGER, Amelia; MALOTT, Richard. Using Shaping to Teach Eye Contact to Children with Autism Spectrum Disorder. **Behavior Analysis in Practice**, 2018.

GUERRA, Barbara Trevizan *et al.* Ensino de repertórios requisitos e os efeitos sobre comportamentos incompatíveis com aprendizagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 27, n. 2, p. 377-400, 2018.

LANE, Justin D.; SHEPLEY, Collin; BETZ, Rebecca. Promoting Expressive Language in Young Children with or At-Risk for Autism Spectrum Disorder in a Preschool Classroom. **J Autism Dev Disord**, 2016.

SADR, Nader Matin; HAGHGOO, Hojjat Allah; SAMADI, Sayyed Ali; RASSAFIANI, Mehdi; BAKHSHI, Enayatollah. Can Air Seat Cushions and Ball Chairs Improved Classroom Behaviors of Students with Autism Spectrum Disorder: A Single Subject Study. **Journal of Rehabilitation Sciences and Research**, p. 31-36, 2015.

SADR, Nader Matin; HAGHGOO, Hojjat Allah; SAMADI, Sayyed Ali; RASSAFIANI, Mehdi; BAKHSHI, Enayatollah; HASSANABADI, Hossein. The Impact of Dynamic Seating on Classroom Behavior of Students with Autism Spectrum Disorder. **Iran J Child Neurol**, v. 11, n. 1, p. 29-36, 2017.